



REAL, ARTE, CORPO: PERTURBAR A MEMÓRIA NA DESREGULAÇÃO DAS INJUNÇÕES

Nádia Neckel¹

Suzy Lagazzi²

ABERTURA

Dizer da importância deste evento e o quanto o SEAD significa na formação de muitos analistas de discurso é reiterar o gesto fundacional daquela saudosa primavera de 2003, em Porto Alegre. Uma reiteração sempre plena de muito afeto e grande reconhecimento, primeiramente a Freda e Kitty, à Solange Mittmann, e, nesta edição, a Evandra, Fabiele, Helson e Fernanda Galli.

Dizer da vontade sôfrega de cada um de nós de um reencontro e um abraço que guardamos desde 2019 é dizer também da potência deste X SEAD! Corações e mentes enlaçados, é na relação, sempre necessária, entre memória e atualidade, que buscamos compreender os efeitos de sentido do político no laço social. E por mais implacável que a atualidade nos possa parecer, há sempre um “andaime suspenso” para que possamos “ousar nos revoltar”, para que possamos “suportar o que venha a ser pensado”.

Saudamos os nossos queridos simposistas! Os trabalhos de Fabiola Carvalho, Geórgia Ferreira, Laís Medeiros, Renata Lara, Romulo Osthues, Thaís Zorzela, Thales Ribeiro e Virginia Caetano são a razão deste momento de discussão.

ANDANÇAS E PARCERIAS

Uma das belezas da Análise do Discurso é nos colocar em movimento constante. Teoria e prática nos demandam incessantemente. Os conceitos nos alvoroçam diante da prática e esta nos surpreende em compreensões que nos fazem retornar à teoria.

Este ir e vir, que nos enlaça discursivamente, também nos enlaça vida afora. Falamos das andanças entremeadas por pontos de paragens que vão construindo nossas histórias no ir e vir dos sentidos, andanças tocadas por encontros que nos tornam sensíveis à importância das parcerias. Afinal, a Análise de Discurso se constrói no coletivo que se faz prática política.

O SEAD vem sendo, desde o primeiro, um espaço de parcerias preciosas. Um aprendizado de trocar, escutar, elaborar, projetar. Nesta X edição, as trocas foram lindas, afetuosas, potentes. Cada um dos simpósios, sessões e mesas aqui realizados nos apresentaram trabalhos ímpares, fortes e consequentes,

¹ Doutora em Linguística pela Unicamp. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – UniSul. nregia75@gmail.com.

² Professora Colaboradora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. slagazzi@gmail.com.

com coordenações sensíveis e belas, que nos convidaram a reflexões importantes, abrindo trajetórias para novas andanças, ainda algumas paragens e mais parcerias.

REAL, ARTE, CORPO

Chegamos ao último simpósio desta edição e podemos dizer, enquanto coordenadoras, que os trabalhos submetidos nos demandaram no ir e vir dos sentidos, entre teoria e prática.

Quando pensamos na ementa deste simpósio, que propõe a tríade *real*, *arte*, *corpo*, buscamos entremear os três conceitos e o faremos pontuando questões essenciais a cada um deles.

Afirmamos que o *real* nos confronta com a incompletude, com o alhures, com a contradição, com o desejo e nos demanda (n)o movimento dos sentidos. Assim, qual o papel da arte e do corpo nesse processo de mover os sentidos?

Diremos que a *arte* nos inquieta, nos afeta, nos desloca, nos expõe à deriva pela poesia do significante, e que o *corpo* nos convida ao desejo, nos convoca em seus sintomas, nos imobiliza, dá suporte ao simbólico e resiste.

Como os corpos se afetam quando demandados no real do desejo pelas inquietações e derivas que a arte produz?

Objeto de afetação pela arte, diremos que o corpo também conforma e dá limites ao fazer artístico.

Como pode o corpo, mobilizado pela arte e atravessado pela po(i)ética, perturbar a memória trazendo condições para a desregulação das injunções que conformam o social? Como o corpo, investido pelo artístico, textualiza o alhures do desejo, em suas possibilidades de contradição?

Diremos que a arte, em sua potência de deriva significante, expõe o social a novas formulações pela circulação do corpo afetado artisticamente.

Na tríade *real*, *arte*, *corpo*, projetamos compreender o funcionamento do político mobilizando a diferença em suas possibilidades de dar movimento aos sentidos pela arte em sua po(i)ética que afeta e metaforiza o corpo que deseja em sua carnidade que convoca e resiste.

Os trabalhos acolhidos neste simpósio, em seu conjunto, nos instigaram a questionamentos e retomadas importantes. São trabalhos que nos falam do corpo desejante em relações diversas. Encontramos o corpo que se submete pela pintura, o corpo que luta na arte contra a censura, o corpo que se rasga na angústia da sua imagem, o corpo feminino que se manifesta na arte da palhaçaria, o corpo que faz poesia sob tortura, ao lado do corpo feminino que é disciplinarizado pela ordem militar e também do corpo gordo que é estigmatizado pela idealização de padrões normativos.

Fabiola embrenha-se no funcionamento do discurso artístico buscando compreender como significar a “escolha”, por um jovem de 17 anos, com altas habilidades, negro, pobre, de uma cidade periférica do DF, pela pintura realista. Que sentidos estão expressos em suas pinturas que retratam seu corpo nu, ora de costas, ora de frente, ora encolhido, materializando a dor e o sofrimento em um momento transitório de escolarização?

Geórgia discute o controle do corpo feminino pela instituição policial militar, que molda o comportamento das mulheres definindo os valores e as interdições a serem incorporados por e nesse corpo. Geórgia busca refletir sobre as formas pelas quais o corpo feminino foi representado e construído no discurso policial militar.

Com o trabalho de Thales tocamos a potência do poético frente aos corpos que resistem. A poesia de Polari nos traz o corpo torturado. Sua análise nos mostra uma discrepância entre os modos de simbolizar a tortura na poesia e em outros materiais do arquivo. Seus recortes nos trazem o pau de arara como uma espécie de signo e metonímia do regime de exceção, sobretudo a partir da década de 1980.

Laís e Romulo nos trazem o corpo-palhaço performando em manifestações de rua, onde funciona também um certo imaginário de corpo idealizado. Vemos o corpo-arte produzindo efeitos de protesto e colocando em relação saberes dos campos do político, do jurídico e dos movimentos sociais. A análise busca compreender a inserção do enunciado “Lute como uma palhaça” numa rede interdiscursiva em deriva.

Renata tematiza a angústia como rasgadura da imagem ao analisar o corpo-sujeito paradoxal, no filme *Peles*, tomando-o na condição de objeto artístico-discursivo. Seu trajeto analítico aponta para a angústia como desencadeadora de uma torção do sujeito na rasgadura da imagem especular pela imagem escópica, do olhar (do) Outro.

O trabalho de Thaís nos faz pensar sobre as inscrições do corpo-arte-político em redes de sentidos de liberdade, de esperança e de futuro, a partir dos recortes que faz no/do filme *Tatuagem*, de Hilton Lacerda. Em sua análise, chama a atenção o fato de que a censura, enquanto produção histórica, opera sobre o corpo-arte-político, que é, segundo ela, também um corpo-memória atravessado por práticas simbólicas de resistência.

Virginia nos pergunta como a “ditadura do corpo perfeito” determina o processo de subjetivação de sujeitos cujos corpos estão à margem de um padrão idealizado, como é o caso dos corpos dos sujeitos gordos. Seu gesto de análise aponta para o fato de que o sujeito se reconhece como gordo e se subjetiva a partir dos sentidos produzidos pela ideologia dominante. O efeito produzido pela negação e silenciamento do corpo gordo é de que esse corpo não é permitido na formação social atual.

Tanto na discussão do corpo feminino disciplinarizado pela ordem militar, quanto na discussão do corpo gordo estigmatizado pela idealização de padrões normativos, a arte fica silenciada. E foi esse silenciamento nos dois trabalhos que nos obrigou a voltar à nossa tríade e nos permitiu avançar na direção de perguntar pelo entrelaçamento entre *real, arte, corpo*.

O político se apresenta com força em todos os trabalhos, em diferentes lutas que os corpos vão dando a ver e que vão tecendo o movimento dos sentidos, materializando a resistência no desejo que os constitui e expondo a carnidade em contornos específicos.

Mas, e a arte?

Justamente na imbricação que nomeia este simpósio, nós nos perguntamos: O que a arte produz e o que a sua falta produz na relação com o corpo em sua potência de desejo, na condição de perturbar a memória ao abrir para a desregulação das injunções que conformam o social?

Tendo esta pergunta como fio condutor de nossa reflexão e considerando o conjunto dos trabalhos deste simpósio, dois funcionamentos nos chamam a atenção no que concerne às coerções do social sobre o corpo: a disciplinarização e a idealização. Compreendemos esses dois funcionamentos em contradição, algumas vezes com a predominância de um ou outro.

O que a arte produz e o que ela poderia produzir na relação com o corpo em sua potência de desejo, na condição de perturbar a memória abrindo para a desregulação das injunções disciplinadoras e idealizadoras que conformam o social?

DESDOBRAMENTOS

São muitas as questões que nossa tríade nos impõe. Que outras injunções sobre o corpo devem ser consideradas em nossas atuais condições sócio-históricas? Como a arte pode, diante dessas outras injunções, potencializar o corpo frente ao real do desejo?

Retomamos Freud ([1930], 2010, p.71), quando afirma que:

Entre essas satisfações pela fantasia se destaca a fruição de obras de arte [...]. Quem é receptivo à influência da arte nunca a estima demasiadamente como fonte de prazer e consolo para a vida. A suave narcose em que nos induz a arte não consegue produzir mais que um passageiro alheamento às durezas da vida, não sendo forte o bastante para fazer esquecer a miséria real.

Suave narcose, um pequeno respiro, porém de alta potência e é Nietzsche ([1906] 2008) quem nos mostra isso quando diz: “Temos a arte para não morrer ou enlouquecer perante a verdade. Somente a arte pode transfigurar a desordem do mundo em beleza e fazer aceitável tudo aquilo que há de problemático e terrível na vida”

Por isso, talvez, Michel Pêcheux ([1983] 2006, p.53) insistisse em afirmar que “o traço poético não é o domingo do pensamento”.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick; Revisão técnica e prefácio de Márcio Seligmann-Silva; ensaio biobibliográfica de Paulo Endo e Edson Souza. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de poder**. Tradução de M. S. Fernandes e F. J. Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, [1906] 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, [1983] 2006.